

Aspectos dos dêiticos espaciais demonstrativos e locativos da língua ashêninka do Alto Perené

Oscar Augusto Solari Ruiz-Eldredge*

<https://orcid.org/0000-0002-9143-700X>

Resumo: Analisa-se a manifestação das noções dêiticas principais que concernem ao espaço na língua ashêninka do Alto Perené (Peru), focalizando-se nos demonstrativos e advérbios locativos. Fornece-se uma aproximação diacrônica da estrutura de cada dêitico que permita a compreensão da sua semântica. Observa-se como o sistema dêitico dessa língua é organizado na sua estruturação morfossintática através de um sistema tetrapartido que se concentra no ponto de localização do falante. Além disso, esse sistema é organizado também em advérbios locativos, cuja semântica está ligada com a geografia em que os falantes convivem diariamente, evidenciando-se na presuntiva fossilização dos sufixos que denotam distância.

Palavras-chave: Dêixis. Espaço. Locativo. Ashêninka.

Aspects of spatial locative deictics in Alto Perene Asheninka Language

Abstract: The expression of some main deictic notions concerning space in the Upper Perene Asheninka language is analysed, focusing on demonstratives and locative adverbs. A diachronic approach to the structure of each deictic is provided, allowing the understanding of its semantics. It is observed how the deictic system of this language is organized in its morphosyntactic structure through a tetrapartite system that focuses on the point of location of the speaker. Furthermore, this system is organized in locative adverbs, whose notions are connected with the geography in which the speakers live daily, evidenced in presumptive suffixal fossilization that denote distance.

Keywords: Deixis. Space. Locative. Asheninka.

Aspectos de los dêiticos locativos espaciales de la lengua ashéninka del Alto Perené

Resumen: Se analiza la manifestación de las nociones dêiticas principales que conciernen al espacio en la lengua ashéninka del Alto Perené (Perú), concentrándose en los demostrativos y adverbios locativos. Se proporciona una aproximación diacrónica de la estructura de cada dêitico que permita la comprensión de su semántica. Se observa como el sistema dêitico de esta lengua está organizado en su estructuración morfosintáctica a través de un sistema tetrapartido que se centra en el punto de ubicación del hablante. Además, este sistema se organiza también en adverbios locativos, cuya semántica está relacionada con la geografía en que los hablantes

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS. Mestre em Linguística pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos. E-mail: oscar.ruiz-eldredge@edu.pucrs.br.



conviven diariamente, evidenciándose en la presunta fosilización de los sufijos que denotan distancia.

Palabras clave: Deixis. Espacio. Locativo. Ashéninka.

Introdução

Este artigo é um desdobramento da tese “Aspectos de la deixis espacial en la lengua asháninka del Alto Perené” (Solari, 2020) em que se estudou a semântica e pragmática da dêixis espacial na variedade do Alto Perené da língua ashêninka, tendo como enfoque a análise do funcionamento dos demonstrativos e advérbios locativos espaciais. Os objetivos deste estudo são dois. No primeiro, se define como é que se manifestam gramaticalmente os dêíticos espaciais de localização tetrapartida, salientando-se a marca de gênero nos demonstrativos e diversos processos de lexicalização dos sufixos adverbiais, transmissores da noção do espaço. Por outro lado, se propõe analisar morfossemanticamente cada um desses dêíticos. Incluem-se esquemas gráficos que interpretam os papéis dos dois grupos de dêíticos locativos, levando-se em conta a geografia que liga o falante dessa língua amazônica à sua vida quotidiana. Afirma-se que, a partir da designação do ponto de referência, tanto os demonstrativos quanto os locativos denotam noções de localização de entes, animados e inanimados, que ocupam o espaço do falante, do ouvinte e de terceiras pessoas ou pontos de referência ligados à natureza ou geografia, estando imbricadas em uma visão do espaço dividido em quatro setores que se diferenciam pela distância em que se encontram, a partir do espaço do falante.

O presente artigo estrutura-se da seguinte maneira. Primeiro, oferece-se uma revisão da literatura essencial sobre dêixis em línguas amazônicas ameríndias. Segundo, apresenta-se uma informação sucinta sobre a língua ashêninka pertinente ao tema de estudo. Terceiro, apresenta-se uma síntese dos pressupostos teóricos específicos. Quarto, detalha-se o método empregado nesta pesquisa em que se descreve concisamente as ferramentas utilizadas para a obtenção dos dados. Quinto, apresentam-se a análise dos dados e os resultados. Finalmente, expõem-se as conclusões.

1 Breve revisão dos estudos sobre os demonstrativos e advérbios em línguas amazônicas

Quanto ao tratamento da dêixis espacial em línguas peruanas, Chavarría (1993, 2002) propôs para o *ese-eja*, língua da família Takana falada na amazônia sul-oriental do Peru, no departamento de Madre de Dios, e na amazônia norte-oriental da Bolívia, no departamento do Beni, a divisão dos dêiticos espaciais a partir de traços definidos que abrangem planos de localização tripartido que permitem a orientação para a pessoa, classificando os locativos por meio da proximidade ao falante e a uma zona hidrográfica. Por outro lado, Vuillermet (2012) reafirma esta classificação, descrevendo quatro noções para o espaço próximo (*kyojo*, ‘aqui’; *jikyoyo*, ‘aqui mesmo’; *kyoxe*, ‘cá’ e *jikyakwa*, ‘por aqui’) e duas noções para o espaço distante ao centro dêitico (*kwama* ~ *kwamaya*, ‘lá’) e mais duas noções para o espaço relativo ao rio (*byakwa*, ‘rio acima’ e *makwa*, ‘rio abaixo’); no entanto, os demonstrativos somente consideram o plano em se encontram referentes visíveis (*jikyo*) e invisíveis (*ma*). Esta segunda noção da dicotomia espacial nos demonstrativos é reforçada por Chavarría (2002) que considera que os *ese-eja*, em termos de orientação espacial, têm pontos de referência absolutos e relativos, sendo os primeiros pontos geográficos estáticos em que todas as pessoas são conscientes da sua existência, e os relativos, pontos de referência não ligados a nenhum elemento permanente do ambiente, com a característica de serem variáveis, dependendo de que ator da cadeia comunicativa os refere (Solari, 2020).

No *tikuna*, língua tonal ¹ pertencente à família Tikuna-Yuri e falada no departamento de Loreto (Peru), no departamento de Amazonas (Colômbia) e no estado do Amazonas (Brasil), Skilton (2019) demonstra no dialeto de Cushillococha a existência de um sistema de demonstrativos exofóricos hexapartido semanticamente, porém bipartido dimensionalmente, e que não fornecem informação concreta acerca da distância; contudo, permite ao ouvinte obter informação perceptual com respeito à

¹ Skilton (2019) representa os cinco tons da língua *tikuna* através de números sobrescritos imediatamente após cada sílaba da palavra.

informação espacial, através da qual os demonstrativos codificam a localização do referente com relação ao espaço que se deseja atingir ligado aos participantes no discurso, sobressaindo a diferença da localização relativa ao espaço peripessoal com a distância. Estes demonstrativos são $\eta e^3 a^2$ (exofórico; entre o destinatário e o falante; e o ente referido é visível); $\eta a^4 a^2$ e $\eta e^3 ma^2$ (exofórico; ao alcance do falante; e o ente referido não é visível; no entanto, utilizam-se em distintos contextos e $\eta e^3 ma^2$ também pode ser não exofórico); $\eta e^3 a^2$ (exofórico; não está ao alcance do destinatário e o falante, mas é visível) e $\eta e^4 ma^4$ (não exofórico e tem valor temporal, referindo ao tempo passado remoto). Contudo, $\eta e^3 a^2$ é um demonstrativo que indica uma entidade próxima tanto do falante quanto do ouvinte, traduzindo-se por “este (que está entre nós)” e $\eta e^3 a^2$, um demonstrativo que indica uma entidade distante que está longe do falante, traduzindo-se por “esse” ou “aquele” (Skilton, 2021). O tikuna apresenta também um sistema hexapartido semanticamente e bipartido dimensionalmente de advérbios locativos, apresentando cada um três formas (predicativa, locativa adjunta e alativa adjunta/complemento enclítico): $nu^2 \eta^4$, $nu^2 \eta a^2$ e $nu^5 a^2$ (com o mesmo conteúdo dêitico de $\eta a^4 a^2$); $\eta e^2 \eta a^4$, $\eta e^2 \eta a^4$ e $\eta e^5 a^2$ (com o mesmo conteúdo dêitico de $\eta e^3 a^2$); $\eta e^2 \eta e^4$, $\eta e^2 \eta a^4$ e $\eta e^5 a^2$ (com o mesmo conteúdo dêitico de $\eta e^3 a^2$); $nu^2 \eta ma^4$, $nu^2 \eta ma^4$ e $nu^5 ma^2$ (não indexa um ponto em específico, somente se é para indexar um espaço que envolve o falante, como um quarto; é menos frequente); $\eta e^2 \eta ma^4$, $\eta e^2 \eta ma^4$ e $\eta e^5 ma^2$ (com o mesmo conteúdo dêitico de $\eta e^3 ma^2$) e $\eta e^2 \eta ma^4$, $\eta e^2 \eta ma^4$ e $\eta e^5 ma^2$ (com o mesmo conteúdo dêitico de $\eta e^4 ma^4$).

Conforme Guerrero-Beltrán (2019), na língua karijona — da família Caribe, falada na Colômbia, nos departamentos de Guaviare, Amazonas e El Meta — coexistem dois sistemas de dêiticos espaciais divididos em pronomes e advérbios. Dentro dos pronomes se encontram os demonstrativos, divididos em animados e inanimados, podendo indicar se tem um ou vários referentes e também se são audíveis ou não. Contudo, os demonstrativos animados apresentam uma divisão entre referentes humanos e não humanos e referentes animados (sejam humanos ou não, mas que estão afastados do falante), sendo estes $nə rə$ (humano, singular, proximal), $namoro$ (humano, plural, proximal), $mə je$ (não humano, singular, proximal), $mə sa$ (não humano, plural, proximal), $mə ki$ (animado, singular, audível), $mə ka$ (animado, plural, audível), $mə ke$ (animado,

singular, longe do falante –distal) e *məkamoro* (animado, plural e distal). Por outro lado, os demonstrativos inanimados se dividem só em animados e inanimados, podendo indicar se o referente é grande ou pequeno em tamanho e se se encontram próximos ou longe do falante, sendo estes *eni* (inanimado, referente pequeno, proximal), *ərə* (inanimado, referente grande, proximal), *mərə* (inanimado, referente pequeno, distância média do falante), *məni* (inanimado, referente grande, distal) e *irə* (com função anafórica). Além disso, o karijona apresenta um sistema tripartido de advérbios demonstrativos, sendo estes *tanə* (locativo proximal, equivalente a aqui), *tfarə* (alativo proximal, equivalente a ‘para aqui’) e *tʃia* (distal, equivalente a ‘aí’ e ‘lá’).

No matsé, língua da família Pano falada na amazônia brasileira (estado do Amazonas) e peruana (departamento de Loreto), Fleck (2003) afirma que o sistema dêitico é tripartido orientado para a pessoa, sendo os demonstrativos *nëid* (‘este/s’, ‘esta/s’, ‘perto da primeira pessoa’), *aid* (‘esse/s’, ‘essa/s’, ‘perto da segunda pessoa’) e *uid* (‘aquele/s’, ‘aquela/s’, ‘longe da primeira e segunda pessoa’). Além de terem significações dêiticas, só *nëid* e *aid* também possuem significações discursivas em que o primeiro indica uma ou várias pessoas que serão prestes a ser mencionada e o segundo, uma ou várias pessoas que acabaram de ser mencionadas. Nessa língua, pode se reafirmar a noção de pluralidade anexando o enclítico <-o> (alomorfe do plural <-bo>). Esses demonstrativos se derivam das raízes dêiticas espaciais *ně* (‘aqui’), *a* (‘aí’) e *u* (‘lá’, sendo invisível o referente), com as mesmas noções de espaço orientado para a pessoa.

Na língua ka’apór (Caldas; Carvalho; Silva, 2009), pertencente à família Tupi-Guarani e falada nos estados do Maranhão e Pará, se apresenta um sistema bipartido quanto à dicotomia visibilidade-invisibilidade do referente, porém tripartido quanto às projeções de distância que parte do falante. Em ka’apór, os demonstrativos *kome’eⁿ* e *peme’eⁿ* equivalem a “este” e “aquele”; contudo, os advérbios locativos *xe*, *ko* aparentemente têm um conteúdo semântico similar (ambos equivalem a “aqui”) com a diferença de que o segundo faz referência a uma proximidade menor do que o primeiro, e *korope* implica também proximidade, não se limitando ao espaço onde se encontra exatamente o falante. Por outro lado, *pe* equivale a “lá”, implicando um espaço cuja distância se afasta do falante.

Na língua tembé, pertencente à família Tupi-Guarani, falada nos estados de Maranhão e Pará, Caldas, Carvalho e Silva (2009) descrevem as partículas demonstrativas, caracterizadas por terem noções de dupla possibilidade de que algum referente (seja animado ou inanimado) esteja visível ou não, além da noção que indica posição — esteja sentado ou em movimento — de um referente. Os demonstrativos que indicam um referente próximo do falante são 'əŋ (se o referente está sentado), kó (próximo também do ouvinte, quando está visível), wán (próximo também do ouvinte, visível ou não, e se são mais de um), a'é (próximo também do ouvinte, visível ou não) e amó (próximo também do ouvinte, visível). Por outro lado, os demonstrativos que indicam distância do falante e do ouvinte são kwéj (visível ou não) e aikwéj (não visível, em movimento).

Brandão (2014), na sua tese em que descreve a gramática da língua paresi-haliti (família linguística Arawak, falada no estado do Mato Grosso), revela dois sistemas de percepção espacial dos falantes distintos para os demonstrativos adnominais (demonstrativos *in stricto sensu*) e os demonstrativos adverbiais (os advérbios locativos espaciais). Os demonstrativos adnominais se classificam sob um sistema tripartido, em que se denotam as noções de proximidade (*eze* e *ezenae*, 'este/a' e 'estes/as'), distância intermediária perto do ouvinte (*hatyo* e *hatyona*, 'esse/a' e 'esses/as' e distância maior (*ēeze* e *ēezenae*, 'aquele/a' e 'aqueles/as'); no entanto, acrescenta-se mais uma noção que inclui a não visualização do referente por meio de *etake* (sg.) e *etakenae* (pl.). Por outro lado, o sistema demonstrativo adverbial funciona sob um sistema também tripartido com as noções de proximidade (*ali*, 'aqui'), distância próxima (*owene*, *ita*, 'aí') e distância maior (*nali*, *ĩita*, 'lá, mais além').

No que concerne ao estudo da dêixis espacial na língua ashêninka, Reed e Payne (1983) e Payne (1989) descreveram os pronominais a partir das noções de grau de distância e seu valor dêitico — embora de maneira implícita — a partir do espaço em que se localiza o falante, ressaltando o contraste entre as formas anafóricas e catafóricas destes pronomes, sendo as primeiras aquelas cuja forma se assimila aos mesmos demonstrativos utilizados na língua ashêninka e que se usam dentro da enunciação, ao contrário das catafóricas que ocorrem como cláusulas isoladas, isto é, como frases de uma única palavra. Mihas (2012) concentrou-se nas partículas dêíticas específicas tais como o sistema

tretapartido de marcadores demonstrativos <-ka>, <-ra>, <-nta> e <-nto>, e Fernández (2013), no sistema de localização e movimento cujas funções dentro do sistema se expressam através dos sufixos locativos, pronomes demonstrativos, sufixos direcionais e a sua inserção nos verbos de movimento indicadores de propósito. Por último, Ramos (2016) analisa os morfemas direcionais <-an> e <-ap> dentro da estrutura sintática concernente ao verbo no que se constata implicitamente uma ligação entre a dêixis verbal e espacial a partir do uso de infixos de direcionalidade nos verbos de movimento.

2 A língua ashêninka

O ashêninka² é uma língua pertencente ao ramo pré-andino da família Arawak, segundo a classificação de David Payne (Fabre, 2005). Conforme o *Documento Nacional de Lenguas Originarias del Perú*, a sociedade ashêninka está conformada por 8.774 habitantes (Ministerio de Educación, 2013). Contudo, conforme Jacinto (2019), a partir da contabilização dos dados que se registam no documento *Censos Nacionales 2017: XII de Población, VII de Vivienda y III de Comunidades Indígenas* (Instituto Nacional de Estadística e Informática, 2018), existem 14.592 falantes da língua ashêninka. A língua ashêninka é falada na amazônia peruana (nos departamentos de Junín, Pasco, Huánuco e Ucayali) e brasileira (no estado do Acre). A variedade do Alto Perené, objeto deste estudo, se fala especificamente no município de Chanchamayo (Junín).

A língua ashêninka pertence ao grupo de línguas tipologicamente aglutinantes, em que tanto sufixos quanto infixos e prefixos com valor verbal, adverbial e de pessoa se unem a lexemas, permitindo a derivação e a flexão dos termos segundo o contexto. Os dêíticos aparecem sob a forma de sufixos e infixos com conteúdo adverbial e sob a forma de advérbios e pronomes. Considera-se que predomina a marcação nuclear nessa língua, em

² A similaridade da sua tipologia e coincidência com mais da metade do léxico faz evidenciar sua muito próxima ligação genética com a língua ashâninka, língua considerada desde 2018 pelo Ministério da Educação do Peru uma língua independente da ashêninka (Solari, 2019), decisão que partiu das diversas reuniões que houve com os representantes locais ashêninka (Solari, 2021).

que as relações gramaticais que contraem as palavras em uma frase, ou os sintagmas em uma oração, recaem no seu núcleo mediante a aglutinação de morfemas (Medina, 2011, p. 67). Apresenta-se o seguinte exemplo:

Shabeta isaiki jará jeñokiinira.

shabeta i=saik-i jará jeñoki-ini=ra

borboleta 3m.SG=estar-REAL ADV.PROX acima-DIM=ADV.PROX

‘A borboleta está aí acima’.

(Solari, 2020, p. 165)

Como se observa no exemplo, os dêíticos podem aparecer sob a forma de advérbios, como em *jará*, ‘[por] aí; aqui, próximo/junto de *ego*’, ou como morfemas — tornando-se posposições — como em <-ra>, tendo a mesma significação de *jará*, que anexado a *jeñokiini* (‘acima de’), obtem-se *jeñokiinira* ‘acima, próximo da posição de *ego*’, um advérbio cujo grau de distância pôde ser especificado, partindo da posição de *ego*.

No que respeita à tipologia sintática, o ashêninka caracteriza-se por ter a estrutura Verbo-Sujeito-Objeto e Sujeito-Verbo-Objeto (Medina, 2011, p. 68), cuja ordem sintática dependerá do grau de exposição ao espanhol que tenha o falante.

3 Fundamentação teórica

3.1 A pragmática e a dêixis

A pragmática é o estudo do uso do contexto para fazer inferências sobre o significado, inferências que se referem às deduções feitas pelos participantes do ato comunicativo com base nas evidências disponíveis, as quais são fornecidas pelo contexto dentro do qual ocorre a enunciação (O’Keeffe; Clancy; Adolphs, 2011). Por outro lado, a

relação entre a linguagem e contexto é refletida nas estruturas das próprias línguas através da dêixis. Portanto, a dêixis é um sistema semântico-pragmático que permite denotar os elementos do contexto comunicacional a partir da localização e identificação de pelo menos um falante e um destinatário, criados e mantidos pelo discurso (Solari, 2021), cujo termo remete desde a sua própria etimologia a significação de apontar, indigitar e mostrar através de um gesto (Lopes, 2018, p. 29). A dêixis permite que os interlocutores façam alusão a entidades do contexto, conformando um sistema que permite identificar referentes em relação ao espaço em que estão a operar no momento da troca de mensagens. Com base na evidência nas línguas do mundo, existem uma série de itens gramaticais que codificam conceitos dêíticos, tais como os demonstrativos, os pronomes pessoais, os advérbios de espaço e tempo, verbos de movimento e uma variedade de outras partículas gramaticais como os marcadores temporais (O’Keeffe; Clancy; Adolphs, 2011).

A partir de uma perspectiva antropológica, a dêixis revela de que modo se encontra organizado o espaço³ e o tempo em uma cultura. Para visualizar o funcionamento de qualquer cosmogonia, a noção de espacialidade é fundamental (Chavarría, 2002), isto é, compreender como o povoador se relaciona com os seus pares dentro de um recinto ou zona dentro do ambiente que o rodeia, podendo ser um recurso geográfico, hídrico, entre outros, e que valores lhe atribui a cada percepção gerada desde o contato com esses recursos.

O sistema dêítico⁴ possui uma organização em torno de um eixo que compreende o *origo* (também chamado *ego*), o “aqui” e o “agora”, em que o falante se lança no papel do *ego* e liga tudo ao seu ponto de vista (Lyons, 1977). Para as três categorias principais da dêixis, pessoa, lugar e tempo, o centro para a dêixis pessoal é o falante (o “eu”); o centro para a dêixis espacial, o lugar onde o falante produz a enunciação (o “aqui”) e o centro da dêixis temporal, o momento em que a enunciação é produzida (o “agora”). O centro

³ Existiria uma ligação entre o grau de exposição ao meio ambiente da comunidade linguística e o grau de diferenciação do sistema dêítico local (Denny, 1978 *apud* Chavarría, 1983).

⁴ O uso da linguagem firma-se com a dualidade formada pelo menos por dois interlocutores — conceitos agrupados por Jungbluth e DaMilano no termo *Dualis* — que, juntos desde o *origo*, baseiam-se na díade conversacional. O *ego*, isto é, o falante, pode fazer de emissor e recetor ao mesmo tempo, enquanto o outro, o *Alter*, complementa *ego* que, sem um interlocutor válido, fica em silêncio. O diálogo não só é o lugar onde começa a notar-se o uso da linguagem, porém é uma parte da interação humana (Jungbluth; DaMilano, 2015).

dêitico está ancorado ao falante atual, portanto, quando o falante muda, o centro também muda.

3.2 A dêixis espacial

A dêixis espacial, também chamada dêixis locacional (O’Keeffe; Clancy; Adolphs, 2011), faz parte de um sistema que a língua dispõe para representar a noção do espaço (Solari, 2020) com relação ao centro dêitico. Conforme Lopes (2018, p. 53), este tipo de dêixis está ligado à especificação da localização no espaço de referentes tomando como ponto de referência o espaço físico ocupado pelos interlocutores (falante e ouvinte) no evento comunicativo. Este fenômeno inclui frases nominais demonstrativas, expressões demonstrativas adverbiais, as quais indicam locação cuja referência pode somente ser determinada com relação à enunciação na qual ocorrem, e alguns verbos que codificam um aspecto da locação ou direcionalidade (Grundy, 2008), tais como “ir”, “vir”, “trazer” e “levar”. Os dêiticos contêm informações em um quadro de referência alocêntrico ligado a características geográficas ou direções cardeais abstratas (Levinson, 2006).

Os quadros linguísticos de referência espacial, em palavras de Huang (2014), também chamados sistemas linguísticos de cálculo espacial, são sistemas de coordenadas usados para calcular a localização de referentes em relação a outros objetos no espaço. Desde uma perspectiva translinguística, existem três quadros linguísticos universais de referência para expressar relações espaciais entre uma entidade a ser localizada (referente) e seu marco (fundamento), sendo estes o intrínseco, baseado em coordenadas centradas no objeto, determinado por características inerentes tais como a lateralidade ou facetas de um objeto a ser usado como base; o relativo, sendo próximo a um sistema egocêntrico, representando uma relação espacial entre um ponto de vista, uma figura e um fundo que são distintos do ponto de vista e utiliza as coordenadas fixas no ponto de vista para atribuir direções à figura e ao fundo; e o absoluto, o qual envolve um sistema de coordenadas absolutas como ‘norte/sul/leste/oeste’ (Huang, 2014).

Quanto à distância relativa ou a proximidade espacial do falante, um tipo de dimensão do contraste dêitico, Huang (2014) classifica as línguas segundo os sistemas e as quantidades de termos que denotam esses contrastes, existindo sistemas monopartidos, bipartidos, tripartidos e tetrapartidos. Este mesmo autor apoia a hipótese formulada por Dixon (2003) e Levinson (2006) de que os advérbios dêiticos espaciais fazem mais distinções do que os demonstrativos. Nos sistemas tetrapartidos, evidencia-se um contraste entre as vias proximal, medial e distal e nesse sistema, o termo médio especifica uma localização também relativa ao centro dêitico, geralmente o falante. Se uma língua tem uma série de demonstrativos orientados para a distância, também terá uma série de advérbios dêiticos espaciais orientados para a distância (Levinson, 2004). Por último, nos sistemas de quatro termos, apresenta-se um sistema quadripartido de dêixis espacial. O ashêninka se encaixa nessa última classificação, em parte, pelo fato de possuir tanto demonstrativos quanto advérbios locativos espaciais ligados a morfemas de distância aparentemente fossilizados.

Uma das manifestações morfológicas dos dêiticos espaciais são os pronomes demonstrativos. Lopes (2018) afirma que os demonstrativos ocorrem prototipicamente acompanhados de gestos. Sidnell e Enfield (2017) delineiam o sistema dos demonstrativos partindo desde a pontualização do alcance da atenção conjunta em algum ente referido, devendo ser escolhida na gama de entes possíveis às quais alguém pode estar prestando atenção. Quando a função dêitica é fornecida pela seleção de uma palavra, há pouco valor inerente na própria forma verbal que ajuda a resolver esse estreitamento na função. Sintaticamente, os demonstrativos possuem uma variedade de funções, podendo alguns deles ser “adverbiais”, na medida em que podem ser vistos como ligados ou modificando eventos e ações (Sidnell; Enfield, 2017).

Os dêiticos espaciais apresentam-se também sob a forma de lexemas de categoria adverbial e especificadora, tais como os determinantes, segundo a estrutura gramatical da língua; e mediante afixos determinantes, encontrados amiúde em línguas aglutinantes (Solari, 2021). Os advérbios locativos espaciais fazem referência a espaços que *ego* indica desde a sua própria perspectiva através da menção do referente e não do espaço *per se*, estabelecendo-se uma relação de proximidade entre esses dois participantes da situação.

Os advérbios locativos não têm uma significação constante, posto que dependerá do contexto. Os advérbios locativos que ligam a situação com a realidade extralinguística são chamados «prepositivos», porquanto semanticamente fixa a situação no espaço com relação a um segundo termo que às vezes é a situação mesma do falante.

4 Procedimentos metodológicos

O presente estudo, assenta-se na análise sincrônica e diacrônica dos demonstrativos e advérbios locativos. Entre 2014 e 2018 trabalhou-se na coleta de dados de sete informantes da zona geodialeto do Alto Perené, cuja faixa etária varia de 20 a 70 anos, com diverso grau de bilinguismo e com ocupações que vão desde a agricultura a estudantes de Educação Intercultural Bilingue, dentre outras atividades, nas comunidades indígenas Zotziki Picaflor Orito Bajo, Alto Incariado e na aldeia Centro Poblado Marankiari Bajo, localizados no bairro Perené, no município de Chanchamayo, departamento de Junín, na Amazônia central peruana.

Os dados se obtiveram através de entrevistas⁵ não formais que permitiram indagar as noções de espaço concebidas pelos ashêninka. Durante cada entrevista se empregou um gravador digital, um caderno de notas, perguntas-chave para elicitare determinada informação dos informantes, um questionário com frases para traduzir com a ajuda de referentes que se encontravam à vista do informante, e esquemas gráficos que auxiliaram

⁵ Nas interações que se tinham com os informantes, solicitou-se para indicarem na língua ashêninka a localização dos entes aos que se fazia referência através de gestos. Em alguns casos, teve-se de dramatizar situações com o intuito de obter dados sobre certas partículas dêiticas que indicam graus de distância e comparar com a morfologia de cada demonstrativo e advérbio locativo. Por outro lado, durante as conversas, o pesquisador, no papel de entrevistador, teve de indicar com os dedos os referentes para que o informante entendesse a qual dos múltiplos elementos móveis e imóveis se estava referindo. Além do mais, apelando à sapiência dos relatos tradicionais por parte dos informantes, aproveitou-se alguns elementos das histórias para os informantes recriarem algumas cenas em que a posição das personagens fosse relevante, de modo que se pudesse exprimir sua localização por meio dos recursos gramaticais que essa língua amazônica oferece.

na identificação dos dêiticos espaciais. Além disso, nas entrevistas fez-se uso do espaço⁶ em que se desenvolvem os ashêninka quotidianamente, cada elemento que faz parte das suas moradias e arredores. Os dados também foram extraídos de relatos tradicionais ashêninka recompilados por Mihás (2011) e Jacinto (2015).

5 Análise

5.1 Os pronomes demonstrativos na língua ashêninka

O falante ashêninka conscientemente divide o espaço⁷ em quatro graus de distância; isto é, um espaço onde se encontra *ego*, duas dimensões espaciais em que um deles demonstra uma proximidade, e o outro, uma distância física de *ego*, e, por último, um espaço consideravelmente distante de *ego* (Solari, 2020). Para compreender as noções de distância envolvidas nos dêiticos demonstrativos, deve-se conhecer a semântica das posposições adverbiais espaciais. Essas posposições possuem o traço de [+ , ± ou – proximal] em que se definem as noções de proximidade-distância do referente em relação ao centro dêítico. O ashêninka pertence ao grupo de línguas que possuem um sistema tretapartido de dêiticos espaciais baseados na noção de proximidade a partir da localização de *ego* (Solari, 2020).

⁶ Todo este contexto constitui as zonas geográficas da Amazônia do centro do Peru, tais como as elevações montanhosas e planícies cobertas de vegetação e despenhadeiros. Consideraram-se outros elementos de referência como o céu e recursos hidrográficos.

⁷ Contudo, devem ser destacadas duas categorias dimensionais na noção de proximidade física a *ego*: uma que refere um espaço a uma distância curta e próxima de *ego*, e outra que refere uma distância média e ampla desde a posição de *ego*.

5.1.1 O pronome demonstrativo genérico “jiri” e “jiro”

Os dois demonstrativos genéricos são *jiri* (também *iri*) e *jiro* (também *iro*) para especificar entes do gênero masculino e feminino, independentemente da localização em que se encontram em relação a *ego*. Pode-se especificar a sua localização através dos advérbios locativos. A partir desses dois demonstrativos, derivaram-se etimologicamente os pronomes pessoais de terceira pessoa, *iriroori*, ‘ele’ e *iroori*, ‘ela’ através de um processo de adição morfológica e alongamento vocálico: *iri* + <-ro:> + <-ri> → *iriroori* e *iro* + <-ri> → *iroori*. Em alguns contextos, podem executar o papel de pronomes pessoais.

Os demonstrativos *jiri* e *jiro* também são expressados através de *iri* e *iro*, variantes mais conservadoras⁸ que também se acham em outras variedades da língua ashâninka, além das outras formas dos demonstrativos que têm a raiz <yo-> para gênero masculino e <o-> para o feminino, embora nunca apareçam isoladas com valor genérico como *iri* e *iro*. Haveria uma ligação com o fato destas formas alternantes aparecerem em comunidades ashêninka que fiquem perto das dos ashâninka, em que são recorrentes estas formas. A seguir, apresenta-se os exemplos de uso⁹:

⁸ No tocante aos pronomes demonstrativos, verifica-se o fenômeno da prótese nas formas geralmente empregadas pelos ashêninkas, a partir da adição de uma consoante fricativa glotal no início dos advérbios dêiticos. Essa consoante é representada na ortografia através da grafia “j”, sistema inspirado na ortografia do espanhol em que “j” equivale ao fonema velar /x/, sendo pronunciada em algumas variedades como velar, e em outras, como glotal. Fundamenta-se que *iri* e *iro* são variantes conservadoras de *jiri* e *jiro* pelo fato de o protolexema de gênero masculino “i(r)” não aparecer com prótese quando anexado como prefixo a verbos e substantivos. Por exemplo: *iñaakiri* e não **jiñaakiri*, ‘ele viu’; *ibankoki* e não **jibankoki*, ‘na casa dele’. Na língua ashêninka de finais do século XIX e inícios do XX, Leclerc e Adam (1890) registraram *iriro*, ‘ele’, e *iroro*, ‘ela’, e o fato de nenhum pronome e advérbio com significação dêitica similar ter sido registrado com prótese por nenhum autor faz supor que essas variantes ainda não tinham aparecido na fala dos povoadores daquela época.

⁹ Para interpretar cada esboço gramatical de cada exemplo de uso dos dêiticos espaciais demonstrativos e locativos, o leitor precisa de saber o significado das seguintes abreviaturas:

1 (primeira pessoa); 2 (segunda pessoa); 3 (terceira pessoa); ~ (alterna com); ADV (advérbio, adverbial); DEM (demonstrativo); DIR (direcional, direção); DIST (distal, distante); EP (epêntese); f (gênero feminino); FN (frase nominal); FOC (foco); FUT.REFL (futuro reflexivo); FV (frase verbal); IRR (irrealis); lit. (literalmente, tradução literal); LOC (locativo); NEG (negativo); m (gênero masculino); O (objeto de cláusula transitiva); PART (partitivo); PL (plural); PP (polaridade positiva); POSS (possessivo); PRF (perfeito); PROX (proximal, próximo); REAL (realis); REGR (regressivo); REL (relativizador); SG (singular).

- (1) Jiri pibaripate inchatsi.

jiri pi=baripa-te inchatsi

M.DEM 2SG=galinha-POS ADV.DIST

‘Esta galinha está [algo/mais ou menos] longe.’

Solari (2020, p. 92)

Na Frase 1, faz-se referência a uma galinha que se localiza fora do alcance do falante. Eis que neste contexto utilizou-se o demonstrativo genérico *jiri*. A indeterminação locosemântica deste demonstrativo evidencia-se na seguinte frase:

- (2) Jiro pibankoka.

jiro pi=panko=ka

F.DEM 2SG=casa=ADV.PROX

‘(Esta) tua casa está aqui.’

Os pronomes demonstrativos genéricos nessas duas frases adquiriram o traço de proximidade através da semântica do sufixo dêítico anexado ao referente ou através do referente indicado pelo falante com algum gesto. Nesse caso em particular, no Exemplo 2, *jiro* obteve o traço [+ proximal]. Por outro lado, esse pronome demonstrativo genérico pode levar a função de um advérbio locativo, tal como se observa no seguinte exemplo:

- (3) Jiro osaiki nobaripate.

jiro o=saik-i no=baripa-te

F.DEM 3f.SG=estar-REAL 1SG=galinha-POSS

‘Esta é a minha galinha.’ / ‘Minha galinha está aqui’

Solari (2020, p. 93)

Na Frase 3, o falante faz uma referência vaga a um ente que está muito próximo do espaço onde se encontra, podendo inclusive percebê-lo. Nesse contexto, *jiro* funciona como se fosse um artigo que define uma entidade em particular.

Não é comum na narrativa oral a utilização destes pronomes genéricos; no entanto, pode levar uma função anafórica. Veja-se o seguinte exemplo:

- (4) [...], ishinkitanaka Nabirerira, ora kooyara, ochaankiri, ochaankiri iri.
i=shinki-t-an-ak-a *Nabireri=ra*
 3m.SG=embebedar-EP-DIR-PRF-REAL Nabireri=ADV.PROX
o=ra *kooya=ra* *o=chaanki=ri*
 F.DEM=ADV.PROX mulher=ADV.PROX 3f.SG=empurrar=3m.O
o=chaanki=ri *iri*
 3f.SG=empurrar=3m.O M.DEM
 ‘[...], Nabireri já estava bêbado e a mulher o empurrava, empurrava o seu pai.’

Jacinto (2015, MS) – “Kenkitsarentsi Nabireri”

Na Frase 4, *iri* substitui a *apa* (‘pai’). Esse demonstrativo tem o valor de um determinante genérico anafórico, obtendo o papel do narrador presencial na história.

5.1.2 O pronome demonstrativo de proximidade maior “jirika” e “jiroka”

O demonstrativo que indica o espaço de um ente que se encontra próximo de *ego* estrutura-se morfologicamente através da adição da posposição adverbial <-ka>¹⁰ ao demonstrativo genérico, resultando nas formas *jirika* (m.) e *jiroka* (f.). Existem as formas alternantes *irika* (m.) e *iroka* (m.). Essa posposição pode ir ancorada a noções de referência para indicar a sua proximidade do falante, e também a verbos para indicar que a ação ocorre dentro do campo comunicacional do falante. A posposição não deve ser empregada de forma isolada: sempre tem que estar anexada ao núcleo do sujeito ou a

¹⁰ Quanto ao uso de <-ka>, o olhar e o contato físico com o referente são requeridos principalmente, enquanto a indicação, seja com o dedo ou a mão aberta, é opcional (Mihás, 2012).

algum dos componentes do predicado, seja o núcleo verbal ou adverbial. No caso da dêixis espacial, quando <-ka> se anexa a *jiri* e *jiro*, esses demonstrativos obtêm o traço [+ proximal]¹¹ pelo fato de referir uma entidade que está dentro do espaço físico comunicativo do falante.

Desconhece-se até que grau se trataria de um processo de lexicalização finalizada ambas as formas desse demonstrativo (e dos outros três a seguir), posto que pode ser utilizado o demonstrativo genérico sem precisar desses marcadores de distância. Esboça-se a hipótese de que as formas genéricas teriam começado a declinar na fala de pessoas menores de sessenta anos, pois somente se encontrou esta forma na fala de uma octogenária da aldeia Marankiari Bajo (Frases 1, 2 e 3).

(5) Iroka notyaapate.

iro=ka *no=tyaapa-te*

F.DEM=DEM.PROX 1SG=galinha-POSS

‘Esta é a minha galinha.’ / ‘Aqui está a galinha.’ / ‘Eis a minha galinha.’

Solari (2020, p. 96)

Na Frase (5), a informante faz referência a uma galinha da sua propriedade que se encontra do lado dela. O demonstrativo pode tomar o valor de um advérbio locativo e o de um marcador que evidencia o referente diante dos olhos do ouvinte.

Deve-se salientar que alguns falantes do Alto Perené utilizam também o demonstrativo *yoka* (m.) e *oka* (f.)¹², pronome que existe também na variante do Rio Tambo da língua ashâninka, ambos com o mesmo valor de *jirika* e *jiroka*.

¹¹ Conforme Solari (2020, p; 81), o traço [+ proximal] representa uma noção dimensional, seja espacial ou temporal, que se localiza no momento ou perto do momento em que *ego* emite uma enunciação e faz uma referência. No caso da dimensão espacial, uma partícula com o traço [+ proximal] indica o espaço ou posição em que se encontra *ego* e que, ao mesmo tempo, faz uma referência a respeito dele (Solari, 2020, p. 81).

¹² As variantes *yoka* (‘este’) e *oka* (‘esta’) teriam aparecido antes das variantes com prótese, empregadas geralmente pelas gerações mais jovens. Wiener (1890) já tinha registrado “yuga”, sendo interpretado como pronome pessoal masculino (‘ele’). Sala (1905) registrou “yuca” (em ortografia moderna, *yoka*), sendo traduzido como pronome pessoal (‘ele’) e demonstrativo (‘este’). Leclerc e Adam (1890) registra “i-oca” (salientando o prefixo masculino <i->, atualmente fossilizado nos demonstrativos) e “oca”, e Delgado (1897), “ioka” e “oka”, com o sentido de demonstrativo (‘este’ e ‘esta’).

Presumidamente, para o demonstrativo masculino *yoka*, o lexema opaco do pronome pessoal feminino *iroori*, <iro-> teria se tornado <yo-> por um processo de desvocalização da vogal alta /i/ localizada detrás de um tepe /r/, tornando-se /j/. Portanto, <iro-> tornou-se <yo->, mas nunca ocorre isoladamente. Alguns informantes ashêninka consideram obsoleto o uso de *yoká* e *oká*, preferindo usar *jirika* e *jiroka*.

- (6) Oká nijá.
 o=ká nijá
 F.DEM.PROX=DEM.PROX rio
 ‘Este rio.’

Solari (2020, p. 97)

Esta forma adverbial indicadora de proximidade maior pode usar-se como um indicador de que algum referente se encontra no lugar onde está o falante, tal como se observa no seguinte exemplo:

- (7) Yoká.
yo=ká
 M.DEM=ADV.PROX
 ‘Este [aqui].’ / ‘Esta pessoa.’

Solari (2020, p. 97)

Este demonstrativo pode se corresponder funcionalmente com a forma anafórica deste pronome demonstrativo de proximidade e define o grau de distância desse pronome como estando presente, presuntivamente com o significado de referência a um ente que se encontra próximo de *ego* (Payne, 1989) ou que pertença a ele, sendo implícita a utilização do só demonstrativo.

- (8) Jirika.
jiri=ka
 M.DEM=DEM.PROX
 ‘Isto.’ / ‘É isto.’ / ‘Isto é meu.’ / ‘Isto é de mim.’
 Solari (2020, p. 98)

Nas narrações orais, emprega-se esse demonstrativo com o papel de participante-narrador da história. Veja-se o seguinte exemplo:

- (9) Aribée, atsaatakiro iroñaaka oka kiriaa, [...]
ari-bee a=tsaa-t-ak-i=ro
 PP-EXCL 1PL=terminar-EP-PRF-REAL-3n.m.O
iroñaaka o=ka kiri=aa
 agora M.DEM=ADV.PROX pupunha=CLF.água
 ‘Muito bem, temos terminado agora esta caçuma de pupunha, [...]’
 Jacinto (2015, MS) – “Etanakaro piarentsi kirika”

Ao ser mencionado «oka kiriaa», o *origo* na narração, e ao ser tomado o papel de Sankatsi (personagem mitológico deste conto), está se referindo à caçuma que acabaram de beber e que a vasilha que o continha se encontrava do lado dele.

5.1.3 O pronome demonstrativo de proximidade menor “jirira” e “jirora”

O demonstrativo que indica a posição do ente dentro do seu espaço respectivo que se encontra medianamente próximo de *ego*, isto é, à vista, se caracteriza por ter a preposição adverbial <-ra>. Ao ser anexado aos pronomes demonstrativos genéricos *jiri* (m.) e *jiro* (f.), obtêm-se as formas *jirira* (m.) e *jirora* (f.). Existem as formas alternantes

irira e *irora* e as variantes *yora* e *ora*¹³, geralmente aparecendo como termos oxítonos. Quanto ao uso da posposição <-ra>, é geralmente empregada em contextos quando o referente não se encontra localizado dentro do espaço de interação do falante, isto é, quando está fora do alcance de *ego*, até uns poucos metros de distância dele (Mihas, 2012). Possui o traço [$\pm$ proximal] pelo fato de referir a noção de um espaço ou posição próximo do *ego*, ainda que não exatamente se encontre do lado dele.

(10) Jirora nobanko.

jira=ra *no=panko*

F.DEM=ADV.PROX 1SG=casa

‘Essa é a minha casa.’ / ‘Aí está a minha casa.’

Solari (2020, p. 100)

Mais uma vez se observa, na língua ashêninka, o limite difuso que existe entre as funções dos demonstrativos e os advérbios locativos espaciais, posto que, tal como visto na Frase 10, o demonstrativo cumpre ambas funções, indicar o referente a uma distância medianamente próxima do *ego* ou indicar a distância em que se encontra o referente, indicando ao mesmo tempo o seu espaço.

(11) Homem 1: —¿Tsika isaikika nobaripate?

Homem 2: —Yorá.

tsika i=saik-i=ka *no=baripa-te*

qual 3m.SG=estar-REAL=ADV.PROX 1SG=galinha-POSS

yo=rá

M.DEM=ADV.PROX.

Homem 1: —‘Qual é o meu galo?’ (lit. ‘Qual é / onde está (se é que está aqui) o meu galo?’)

Homem 2: —‘Este [aqui].’

¹³ Leclerc e Adam (1890) registram “i-ora” e “i-ura” para *yora* e “ora” e “ura” para *ora*, e Delgado (1897) registra “iora” e “iura” para “ora” e “ura”, no entanto, não salienta se “i” é um prefixo.

Solari (2020, p. 102)

Alguns falantes do ashêninka utilizam as variantes *yorá* (m.) e *orá* (f.)¹⁴, aparentemente com a mesma função. Redd e Payne (1983 *apud* Solari, 2020, p. 105) enfatizam que essas formas são as formas anafóricas de *irira* e *irora*. Na narrativa oral, a utilização deste demonstrativo tem a mesma função de precisar a localização do referente, sendo observada no seguinte exemplo:

- (12) [...] aajatsi yora Irorira areetapaja antá iniroki.
aajatsi yo=ra Irori=ra
 também M.DEM=ADV.PROX Irori=ADV.PROX
aree-t-ap-aj-a antá in=iro-ki
 chegar-EP-DIR-REGR-REAL ADV.DIST 3m.SG=mãe-LOC
 ‘[...] e também Irori chegou lá onde morava a sua mãe.’
 Jacinto (2015, MS) – “Kenkitsarentsi Nabireri”

Na Frase 12, se evidencia que o demonstrativo *yorá* define a localização de “Irori”. Neste contexto, indica uma posição de proximidade com respeito a *ego*, o narrador da história. Contudo, esse conceito é reforçado pela adição de <-ra>.

Os demonstrativos *jirira* e *jiroira* também podem substituir o referente e, dependendo do contexto, também podem ter função anafórica. Para isso, deve conhecer-se os atores do relato que, neste caso, *iri* indica alguém masculino e o acréscimo de <-ra>, tornando-se *irira*, a proximidade com respeito a *ego*.

¹⁴ Devem ser feitas mais indagações sobre o valor da acentuação oxítônica nestas formas alternantes, influenciadas talvez pela zona em que se localiza a comunidade, envolvendo a dicotomia ‘mais/menos próximo de uma comunidade ashêninka’.

- (13) [...], te okantaire onkatsatajiri irira.
te o=kant-ai-re o=n-katsat-aj-i=ri
 NEG 3f.SG=obrar-REGR-REAL=3m.O 3f.SG=EP-puxar-REGR-
 IRR=3m.O
irira
 F.DEM=ADV.PROX
 ‘[...], já não pôde puxá-lo (este, esta pessoa, o pai dele que estava próximo dele).’

Jacinto 2015, MS – “Kenkitsarentsi Nabireri”

5.1.4 O pronome demonstrativo de distância média “jirinta” e “jironta”

O demonstrativo que indica a posição do referente, considerando a distância em que se encontra desde a perspectiva do falante, se estrutura morfológicamente através do acréscimo da preposição adverbial <-nta>, resultando nas formas *jirinta* (m.) e *jironta* (f.). A posposição <-nta>, conforme Mihás (2012), é usada para referenciar a localização imprecisa¹⁵ de entes que se encontram longe da área de participação do falante. Quando ao demonstrativo se anexa <-nta>, obtém o traço [$\pm$ proximal] pelo fato de referir a um ente que se encontra a uma distância não próxima de *ego*, porém tampouco muito distante, podendo às vezes ser enxergada. As formas *irinta* (m.) e *irona* (f.) são alternantes dentro de uma mesma comunidade e *yontá* (m.) e *ontá* (f.)¹⁶ são formas que variam de comunidade em comunidade.

¹⁵ Por localização imprecisa, Mihas (2012) considera que a invisibilidade do referente não é relevante, posto que os entes distantes parcialmente visíveis e invisíveis estão codificados com essa posposição em que o falante pode fazer uma referência a, por exemplo, uma colina cuja vista é obstruída pelas árvores e as construções em que os ashêninkas moram.

¹⁶ Leclerc e Adam (1890) registram “i-onta”, “i-unta” para *yonta* (‘aquele’), e “onta”, “unta” e “ironda” para *onta* (‘aquela’). As formas “irionda” e “ionda” (escritas na ortografia atual *irionda* e *yonda*) não se registraram no ashêninka atual. Por outro lado, Delgado (1896) registra “yonta” e “yunta” e Sala (1905) registra “yuntá”, sendo o primeiro autor que considera que este termo pode ser também oxítono.

(14) ¡Chariné! ¿Tsika ipaitari yontá?

charine tsika i=paita=ri yo=ntá

avô o quê 3m.SG=nomear=3m.O M.DEM=ADV.DIST

‘Vovô! O que é isso [aquilo que está aí/lá]?’

Jacinto 2015, MS – “Kenkitsarentsi Nabireri”

Neste excerto de um relato oral, se evidencia que em alguns casos o demonstrativo pode ter o papel do núcleo da frase nominal, substituindo o nome do referente. Se antes dessa enunciação se mencionou o referente ou o lugar onde aparece, *yonta* cumpre a função de anáfora. Volta a ser evidenciada uma sutil diferença na acentuação do dêitico, desta vez, sendo paroxítono e não oxítono como se observou nas frases precedentes que contiveram as formas dos demonstrativos com o radical <yo-> (m.) e <o-> (f.).

5.1.5 O pronome demonstrativo de distância maior “jirinto” e “jironto”

O demonstrativo que indica a posição do referente, considerando a distância em que se localiza desde a perspectiva de *ego*, estrutura-se morfologicamente através da adição da preposição adverbial <-nto>, resultando nas formas *jirinto* (m.) e *jironto* (f.). Conforme Mihás (2012), a posposição <-nto> é utilizada para referenciar a localização imprecisa de entes que se encontram longe da área de participação do falante. Portanto, tem o traço [– proximal] pelo fato de referir a um ente que se encontra a uma distância considerável do espaço em que está o falante. Esse sufixo não é muito usado tanto na fala cotidiana quanto em contextos de narração oral. As formas *irinto* (m.) e *ironto* (f.) podem aparecer na oralidade, no entanto, são inexistentes as formas preditas *yontó* (m.) e *ontó* (f.)¹⁷, apesar de que deviam ter se formado por analogia com as formas *yoka*, *yora* e *yonta*.

¹⁷ Nenhum dos autores que estudaram o ashêninka em finais do século XIX e inícios do XX tampouco registrou as formas hipotéticas *yonto* e *onto*.

(15) Jironto nobanko. Osaikira pijate nobankoki.

jiro=nto no=panko osaikira pi=ja-t-e no=panko-ki

F.DEM=DEM.DIST 1SG=casa manhã 2SG=ir-EP-IRR 1SG=casa-LOC

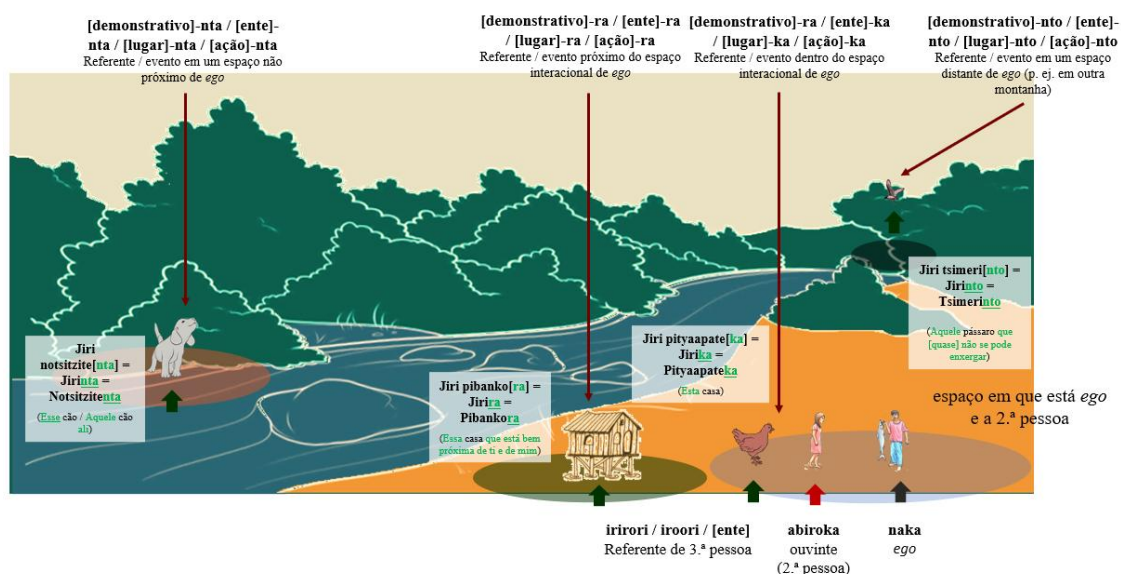
‘Lá (mais além) está a minha casa. Amanhã irás à minha casa’

Solari (2020, p. 108, 135)

Uma das referências amiúde mais usadas para localizar referentes é a distância de uma montanha a outra, considerando o fato dos ashêninkas viverem na região montanhosa da Amazônia, região que na geografia peruana se conhece como “selva alta” por limitar com a cordilheira dos Andes.

Apresentam-se esquematicamente as noções de espaço representadas nos demonstrativos genéricos e definidos na seguinte imagem.

Figura 1: Contextos de uso dos demonstrativos genéricos e definidos



Fonte: o autor

5.2 Os advérbios locativos na língua ashêninka

Ao contrário dos demonstrativos que podiam aparecer como pronomes independentes com uma carga semântica dependente do contexto e das posposições ajuntadas a núcleos da frase verbal, os advérbios locativos demonstram fossilização das suas estruturas, de modo que devem anexar obrigatoriamente uma das quatro posposições espaciais existentes. Da mesma maneira que os demonstrativos conformam um sistema tetrapartido de dimensões espaciais, também seguem esse sistema os advérbios locativos, formados pela raiz <ja->. Para entender a semântica desta raiz deve-se acudir ao protollexema **há* que teria carregado na hipotética protolíngua da qual se derivaram o ashêninka e a ashâninka o valor de espaço e deslocamento, posto que no estado atual da língua, <ja->¹⁸, como lexema, faz referência ao verbo ‘ir’ (do verbo *jataantsi*, ‘ir’). Esses advérbios são oxítonos, fato que vai contra as regras de acentuação nesta língua. O alongamento da vogal do radical (<ja> → <jaa>) pode ser usado como uma estratégia discursiva para enfatizar a natureza do evento (Mihas, 2010).

5.2.1 O advérbio locativo “jaká”

O advérbio que representa a ideia do espaço onde se encontra *ego* na variante do Alto Perené é *jaká*. Em português equivale a ‘cá’ e ‘aqui’. Conforme Skilton (2019), o espaço que rodeia o falante pode ser visto como o perímetro que encerra todo seu corpo em um grau mínimo, aplicando-se ao caso ashêninka em que *jaká* denota o espaço que rodeia

¹⁸ Descartar-se-ia que os termos derivados do radical “ja” tenham sofrido posteriormente prótese, supondo que o protorradical tenha sido <a> e não <ja>. Já em 1890, Leclerc e Adam consideraram que o verbo “ir” tem uma consoante glotal no ataque silábico, como na frase “quiaoca pi-jate” (em ortografia moderna, *jaoka pijate?*), ‘Aonde (tu) vais?’, e esse mesmo critério teve Delgado (1897) ao representar esse mesmo verbo como “jate”. Contudo, o único argumento a favor de que o radical “ja” e toda a terminologia derivada seja o produto de uma prótese o fornece Sala (1905) ao ter registrado no seu vocabulário, para o mesmo verbo, o termo “ate”.

ego, que envolve um ouvinte ou onde o falante se encontra sozinho. Possui o traço [+proximal], igual que *jirika* (f.) e *jiroka* (f.). É uma raridade encontrar falantes que ainda utilizem a forma não protética *aká*¹⁹, contudo, provavelmente os falantes mais idosos ainda a utilizem.

(16) Jaká nosaiki nobankoki.

jaká *no=saik-i* *no=panko-ki*
ADV.PROX 1SG=estar-REAL 1SG=casa-LOC
'Eu estou cá na minha casa.'

Solari (2020, p. 113)

Embora a posição na frase dos advérbios locativos seja livre (Mihás, 2010), tenderia a aparecer no final da frase. Contudo, evidenciam-se exceções, sobretudo quando aparecem indicadores de posição fixa.

(17) Jaká pinkaimari pinkatsari.

Jaká *pi-n-kaim-a-ri* *pinkatsa=ri*
ADV.PROX 2SG-EP-chamar-EP-3m.O chefe=ADJ.m
'(Desde) aqui chamas o chefe.'

Solari (2010, p. 113)

Jaká indica também direccionalidade para o espaço de *ego*, geralmente funcionando com verbos de movimento como *pokaantsi*, 'vir' (Solari, 2020).

¹⁹ Para o advérbio locativo de proximidade *jaká*, Leclerc e Adam (1890) registra "aca"; Delgado (1896) registra "aká", o primeiro estudioso que detecta a acentuação oxítona nesse termo, e Sala (1905) registra "accá", sendo o primeiro estudioso que teria detectado o alongamento da primeira vogal, embora exista uma possibilidade de que tenha confundido esse processo com a geminação.

(18) Pimpoke jaká.

pi-m-pok-e jaká

2SG-IRR-vir-IRR ADV.PROX

‘Vem cá.’

Solari (2010, p. 114)

A função direcional de *jaká* pode implicar um terceiro ente que pode ser trasladado para o espaço onde está o falante.

(19) Pamajeri jaká.

p=am-aj-e=ri jaká

2SG=trazer-REGR-IRR=3m.O ADV.PROX

‘Trá-lo aqui’

Solari (2010, 114)

Na narrativa oral, *jaká* indica o espaço onde se localiza o protagonista da estória e também a pessoa que comunica alguma informação ao seu interlocutor.

(20) Okantziro: “Airo pijatzi, ari pisaikapaji jaká, [...]”.

o=kant-tz-i-ro airo pi-ja-tzi ari

3f.SG=dizer-EP-REAL-3f.O NEG 2SG=ir-EP-REAL PP

pi-saik-ap-ah-i jaká

2SG=estar-DIR-REGR-REAL ADV.PROX.

‘Disse [ele]: “não te vás embora, fica aqui [...]”.’

Mihas (2011: p. 22) – “Itzimantakari Naviriri”

Observa-se que o ponto de referência no qual se fixa *jaká* é o ponto de referência do protagonista da estória. No entanto, evidencia-se que tanto na narrativa quanto no discurso quotidiano, o valor locativo destes advérbios translada-se a um ponto que indique *ego*.

5.2.2 O advérbio locativo “jará”

O advérbio que representa a ideia do espaço cuja distância do falante é estreita e à vista é *jará*. Em português equivale à frase “aí perto [do falante]” e “por aí [sempre que o falante possa enxergá-lo sem esforço]”. É uma realidade a aparição da variante *ará*²⁰ (Payne, 1989) por parte de poucos falantes, sobretudo os idosos e aqueles que convivem com pessoas que falem a língua ashâninka. Possui o traço [$\pm$ proximal], igual que o demonstrativo *jirira* (m.) e *jirora* (f.). Veja-se o seguinte exemplo, cujo contexto apresenta um ashâninka que se encontra dentro da sua casa e que pensa ir para a cozinha:

- (21) Iroñaka nojate jará.
iroñaka no=jate jará
 agora 1SG=ir ADV.PROX
 ‘Agora vou (para) lá.’
 Solari (2010, p. 118)

Este advérbio pode ter função estática quanto direcional, tal como se observa no exemplo (21).

- (22) Notsitzi-pe isaiki jará nobankoki.
n=otsitzi-pe i=saik-i jará no=panko-ki
 1SG=cão-PL 3m.SG=estar-REAL ADV.PROX 1SG=casa-LOC
 ‘Os meus cachorros estão pela minha casa.’

Solari (2020, p. 119)

O contexto fará que *jará* possa ter duas interpretações. O sentido mais genérico que pode ter a frase é o fato de os cachorros de uma moça estarem do lado da casa dela,

²⁰ Para o advérbio locativo de proximidade menor *jará*, Leclerc e Adam (1890) registra “ara”, e Delgado (1896) registra “ará”, confirmando que a forma oxitona se empregava na língua mais de cem anos atrás.

de modo que ela pode enxergá-los sem ter que se mexer. O outro sentido é que *jará* implicaria que o referente se localize dentro do espaço onde se encontram, isto é, na casa da senhorita.

O advérbio *jará*, na narrativa, pode indicar o espaço que se encontra próximo do protagonista da história o de quem fala em um excerto do relato. Veja-se o seguinte exemplo:

(23) Piya *jará*, irotake nontsampishiro notsamairika.

pi=oya jará irotake no-n-tsampishiro

2SG=comer ADV.PROX FOC 1SG=EP-acabar

no=tsamai=ri=ka

1SG=cortar_grama =REL=ADV.PROX

‘Comam aí, já vou terminar o meu trabalho (que é cortar grama).’

Mihas (2011: p. 26) – “Itzimantakari Naviriri”

Observa-se que um dos sentidos principais de *jará* é a referência a um espaço próximo de *ego*, porém fora do espaço em que acontece a interlocução, através da qual esse ator pode ter ou não com os entes que se encontram no lugar implicitamente indicado pelo ator-emissor da narração (Solari, 2020).

5.2.3 O advérbio locativo “jantá”

Este advérbio locativo representa a ideia do espaço que se encontra medianamente distante de *ego*, em especial, se o ente referido não tem uma ligação comunicacional direta com ele ou se só é um referente inanimado. Equivale aos termos ‘aí’ e ‘lá’ em português, embora neste contexto ambos devem estar cientes da distância do referente. Possui o traço [$\pm$ proximal] pelo fato de referir o espaço que ainda *ego* pode enxergar, mas

que não pode chegar até ele em pouco tempo. Em alguns falantes, se evidencia a produção da forma alternante *antá*²¹.

- (24) Pinkatsari isaiki jantá pibankoki.

pinkatsa=ri i=saik-i jantá pi=panko-ki

chefe=ADJ.m 3m.SG=estar-REAL ADV.DIST 2SG=casa-LOC

‘O chefe (da comunidade) está lá na tua casa.’

Solari (2020, p. 123)

Neste exemplo o falante é consciente da distância em que se encontra o referente, neste caso, o chefe da comunidade. Como é um lugar que não fica, por exemplo, em outra montanha, e que pode chegar facilmente até lá, é por isso que utilizou *jantá* para esse contexto.

No entanto, na narrativa oral, *jantá* pode indicar o espaço em que se localiza o referente a uma distância não maior do protagonista do relato ou também da pessoa que está comunicando alguma mensagem ao seu interlocutor. Neste contexto, ao empregar *jantá*, quer salientar-se a noção de uma distância não maior, mesmo sendo uma impressão da distância que tenha tido quem narra essa estória.

- (25) Abisaki iroñaaka jaká, irayi itzibini jantá, yaapintaitzinta Tzibyorki.

abis-ak-i iroñaaka jaká ir-ay-i i=tzibi-ni

passar-PRF-REAL agora ADV.PROX tirar-IRR-REAL 3m.SG=sal=REL

jantá y=a-ap-i-nta-itzi-nta Tzibyori-ki

ADV.DIST 3m.SG=tirar-DIR-REAL-DEM-PART-DEM Paucartambo-LOC

‘Eles passam por cá para tirar o sal, aí (lá) onde tiram o sal no rio Paucartambo.’

Mihas (2011: p. 119) – “Yamanantaitatariri mapi opoña paamari”

²¹ Para o advérbio locativo de proximidade maior *jará*, Leclerc e Adam (1890) registra “anta”; Delgado (1896) registra “antá”, e Sala (1905) também registra “antá”. Confirma-se que já desde tempos remotos existia a tendência de produzir estes advérbios locativos como palavras oxítonas.

5.2.4 O advérbio locativo “jantó”

Este advérbio locativo representa a ideia do espaço que se encontra a uma distância considerável do falante, equivalente à ‘mais além’ ou ao dêitico em desuso ‘acolá’. Possui o traço [– proximal] pelo fato de referir um espaço que *ego* não pode enxergar com facilidade, podendo ser alguma zona que remita a uma montanha, outra vila, um rio distante, dentre outros recursos naturais que não fazem parte da geografia em que *ego* está imerso. Alguns falantes utilizam *antó*²².

(26) Naaka noyare jantó.

naaka no=ya=re jantó.

1SG.S 1SG=comer=REL ADV.DIST

‘Eu vou comer lá (neste caso, em outra comunidade que não é limítrofe.’

Solari (2020, p. 127)

Na narrativa oral, esse advérbio indica o espaço que se localiza a uma distância maior do protagonista da estória ou também da pessoa que está comunicando algo ao seu interlocutor. Na Frase 27, o participante da estória está tomando como referência para se guiar nas suas indicações para o ouvinte os lugares ou zonas pertencentes a um setor da Amazônia Central, não levando em conta os espaços que pode chegar a enxergar (Solari, 2020).

²² Nenhum dos autores que começou a descrever a língua e cultura ashâninka e ashêninka menciona a existência de *jantó* ou *antó*. Provavelmente essa construção adverbial tenha começado a ser empregada décadas depois.

(27) Jose jantó, ariitantyaarori San Jeronimoki.

José jantó arii-t-ant-ia=ro=ri

José ADV.DIST chegar-EP-APP.REAS-FUT.REFL=3n.m.O=REL

San Jerónimo-ki

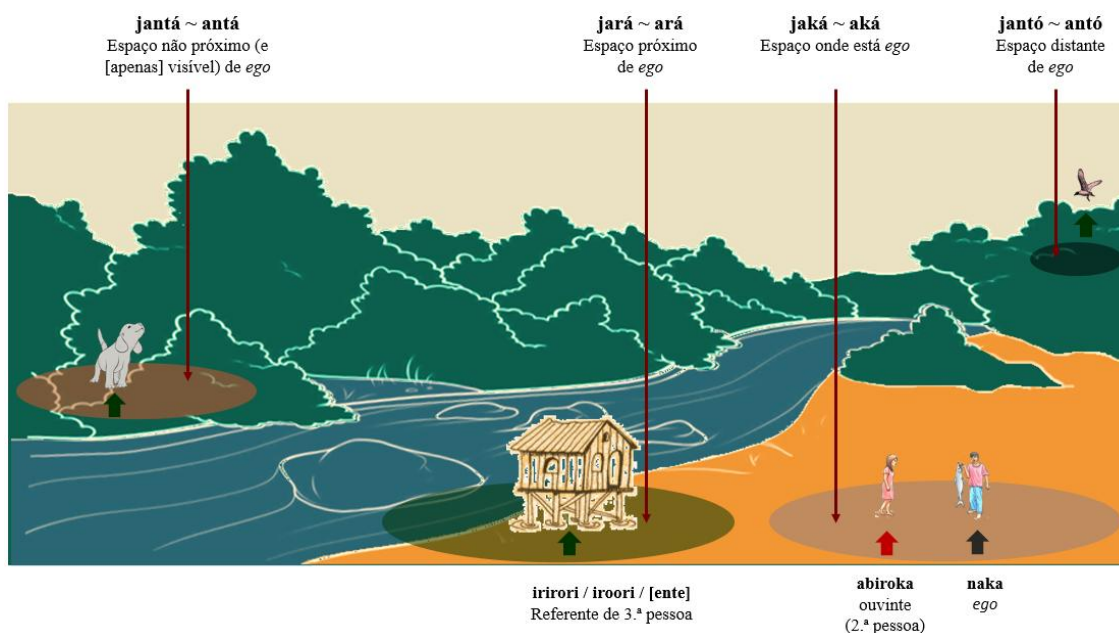
San_Jerónimo-LOC

‘De José [anda] mais além para chegar a San Jerónimo de Yurinaki.’

Mihas (2011: p. 119) – “Yamanantaitatariri mapi opoña paamari”

A seguir, apresentam-se esquematicamente as noções de espaço representadas nas partículas adverbiais locativas.

Figura 2: Contextos de uso dos advérbios locativos



Fonte: o autor

Conclusões

A dêixis espacial é aplicada no ashêninka através dos demonstrativos com o intuito de estabelecer uma denominação do referente de acordo com o grau de distância em que se encontra com respeito ao lugar onde se localiza *ego*.

Para os demonstrativos cumprirem essa função, o falante pode ou não adicionar as posposições adverbiais espaciais no lexema de cada pronome.

Através dos demonstrativos, se demonstra que na língua ashêninka existe um sistema tetrapartido, com a possibilidade de não especificar a distância do referente e só o referente *per se*. No entanto, os advérbios demonstrativos, ao fossilizarem estas posposições adverbiais de distância no lexema <ja->, diretamente são usados para indicar o espaço em que se encontra o referente desde a perspectiva de *ego*, ajudando-se da distância que pode ser calculada aproximadamente através da vista.

Referências

- BRANDÃO, Ana Paula Barros. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**, 2014, 480 P. Tese (Doutorado em Filosofia) – The University of Texas at Austin, Austin, 2014. Disponível em: <https://amerindias.github.io/referencias/brai4referencegrammaparesi.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; SILVA, Tabita Fernandes da; CARVALHO, Marcia Goretti Pereira de. A dêixis espacial em ka'apór e tembé. **MOARA**, Belém, n. 32, p. 121-141, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3647/3726>. Acesso em 17 jun. 2023.
- CHAVARRÍA, María Clotilde. Aspectos de la deixis espacial ese-eja y su traducción al español. **Amazonia Peruana**, Lima, n. 23, p. 89-104, 1993.

CHAVARRÍA, María Clotilde. Deixis espacial y cosmogonía ese eja. In: CHAVARRÍA, María Clotilde (ed.). **Eshawakuana, sombras o espíritus y armonía en la tradición oral Ese Eja**. Lima: Ediciones Programa Forte-Pe, 2002.

DELGADO, Eulogio. Vocabulario del idioma de las tribus campas. **Boletín de la Sociedad Geográfica de Lima**, Lima, v. 5, n. 5, p. 445-457, Mar. 1896.

DELGADO, Eulogio. Vocabulario del idioma de las tribus campas. **Boletín de la Sociedad Geográfica de Lima**, Lima, v. 6, n. 6, p. 96-105, 230-240, 347-356, 393-396, Jun. 1897.

DIXON, Robert Malcolm Ward. Demonstratives: a cross-linguistic typology. **Studies in Language**, n. 27, p. 61-112, 2003.

FABRE, Alain. **Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas y sudamericanos**, 2005. Disponível em: <http://www.ling.fi/Entradas%20diccionario/Dic=Arawak.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FERNÁNDEZ, Liliana. Localización y movimiento en asháninka. In: OSPINA BOZZI, Ana María (ed.). **Expresión de nociones espaciales en lenguas amazónicas**, Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo. Serie Condiciones II, 2013.

FLECK, David William. **A Grammar of Matses**. 2003, 1279 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Rice University, Houston, 2003. Disponível em: <https://scholarship.rice.edu/handle/1911/18526>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GRUNDY, Peter. **Doing Pragmatics**. 3. ed. Oxon: Hodder Education, 2008.

GUERRERO-BELTRAN, David Felipe. **The Grammar of Space in Karijona, a Cariban language from Northwest Amazonia**, 2019, 164 p. Tese (Mestrado em Linguística) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/75983/1015426340.2019.pdf?isAllowed=y&sequence=1>. Acesso em: 17 jun. 2023.

HUANG, Yan. **Pragmatics**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. **Censos Nacionales 2017: XII de Población, VII de Vivienda y III de Comunidades Indígenas**. Lima: Instituto Nacional de Estadística e Informática, 2018. Disponível em: https://www.inei.gob.pe/media/MenuRecursivo/publicaciones_digitales/Est/Lib1539/libro.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

JACINTO, Pablo Edwin. **Cosmología en la narrativa asháninka**, 2015. Não publicado.

JACINTO, Pablo Edwin. **Primer Informe: Pueblo Asháninka**. Submetido à publicação, 2019.

JUNGBLUTH, Konstanze; DAMILANO, Federica (eds.). **Manual of Deixis in Romance Languages**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2015.

LECLERC, Charles-Alfred; ADAM, Lucien. **Arte de la lengua de los indios antis o campas, varias preguntas, advertencias i doctrina Cristiana, conforme el manuscrito original hallado en la ciudad de Toledo, con un vocabulario metódico i una introduccion comparativa**. Paris: Imprimerie Destenay, Bussière Frères, 1890.

LEVINSON, Stephen C. Deixis. In: HORN, Laurence R.; WARD, Gregory (eds.). **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 97-121.

LOPES, Ana Cristina. **Pragmática – Uma introdução**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1604-9>. Acesso em: 19 mar. 2023.

LYONS, John. **Semantics**, v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MEDINA, Pedro Álvaro. **Estudio descriptivo de la frase nominal en el asháninka del Alto Perené**, 2011, p. 196. Tese (Licenciatura em Linguística) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2011. Disponível em: <http://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/20.500.12672/1228>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MIHAS, Elena. **Essentials of Ashéninka Perené Grammar**, 2010, 335 p. Tese (Doutorado em Filosofia em Linguística) – The University of Wisconsin-Milwaukee, Milwaukee, 2010. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Amihas-2010/mihas_2010.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MIHAS, Elena. **El idioma del Alto Perené**. Milwaukee: The University of Wisconsin-Milwaukee. Escuela de lingüística. Wisconsin: Milwaukee, WI: Clarks Graphics, 2011. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/mihas-2011-anaani/mihas_2011_anaani.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

MIHAS, Elena. Spatial deixis in Ashéninka Perené (Arawak): Semantics, pragmatics, and syntax of the demonstrative markers =ka, =ra, and =nta. **LIAMES**, Campinas, v. 12, p. 39-65, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/download/1482/1472>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. **Documento Nacional de Lenguas originarias del Perú**. Lima: Ministerio de Educación, 2013. Disponível em:

<http://www2.minedu.gob.pe/filesogecop/DNL-version%20final%20WEB.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

O'KEEFFE, A.; CLANCY, B.; ADOLPHS, S. **Introducing Pragmatics in Use**. Abingdon: Routledge, 2011.

PAYNE, Judith. **Lecciones para el aprendizaje del idioma ashéninka**. Lima: Fondo Editorial del Ministerio de Educación del Perú y el Instituto Lingüístico de Verano, 1989.

RAMOS, Licett del Carmen. **Análisis cognitivo de los morfemas direccionales -an y -ap en la estructura verbal del asháninka del Alto Perené**, 2016, p. 117. Tese (Licenciatura em Linguística) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2016. Disponível em: <http://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/20.500.12672/5570>. Acesso em: 18 jun. 2023.

REED, Judy Carlson; PAYNE, David L. Los pronominales en el asheninka. In: PAYNE, David L.; Ballena, Marlene (ed.), **Estudios Lingüísticos de Textos Asheninca (Campa-Arawak reandino)**. Lima, Perú: Instituto Lingüístico de Verano, 1983.

SALA, Gabriel. Dicionário, Gramática y Catecismo Castellano, Inga, Amueixa y Campa. **Boletín de la Sociedad Geográfica de Lima**, Lima, v. 15, n. 17, p. 149-227, 311-356, 469-490, Mar. 1905.

SIDNELL, Jack; ENFIELD, N. J. Deixis and the Interactional Foundations of Reference. In: HUANG, Yan (ed.). **The Oxford Handbook of Pragmatics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017. p. 217-239.

SKILTON, Amalia E. **Spatial and non-spatial deixis in Cushillococha Ticuna**, 2019, 305 p. Tese (Doutorado em Filosofia em Linguística) – University of California, Berkeley, 2019. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/5ow177t6>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SKILTON, Amalia E. Demonstratives and visibility: data from Ticuna and implications for theories of deixis. **Language**, Washington, DC, v. 97, n. 4, p. 793-824, 2021. Disponível em: https://www.linguisticsociety.org/sites/default/files/archived-documents/07_97.4Skilton.pdf. Acesso em: 17 jun. 2023.

SOLARI, Oscar Augusto. **Aspectos de la deixis espacial en la lengua asháninka del Alto Perené**, 2020, 222 p. Tese (Mestrado em Linguística) – Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020. Disponível em: <https://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/20.500.12672/14203>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SOLARI, Oscar Augusto. Aspectos de los adverbios deícticos dimensionales de la lengua ashéninka del Alto Perené. **Boletín de la Academia Peruana de la Lengua**, Lima, v. 69, p. 201-233, 2021. Disponível em:

<https://revistas.apl.org.pe/index.php/boletinapl/article/view/724/715>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VUILLERMET, Marine. **A Grammar of Ese Ejja, a Takanan language of the Bolivian Amazon**, 2012, 756 p. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2012. Disponível em: <https://theswissbay.ch/pdf/Books/Linguistics/Mega%20linguistics%20pack/South%20American/Panoan%20%26%20Takanan/Ese%20Ejja%2C%20A%20Grammar%20of%20%28Vuillermet%29.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

WIENER, Charles. **Pérou et Bolivie — Récit de Voyage**. Paris: Typographie A. Lahure, 1880.

Recebido em 29/08/2025.

Aprovado em 20/11/2025.